



Excelentíssimo Senhor representante da Bastonária da Ordem dos Enfermeiros,

Excelentíssimos Senhores representantes do Presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros,

Excelentíssima Senhora representante do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra,

Excelentíssimos Senhores representantes das Instituições de Saúde e de Ensino presentes,

Excelentíssima Senhora representante do Presidente da União de Freguesias de São Martinho do Bispo & Ribeira de Frades,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Geral da Escola e membros do Conselho Presentes,

Excelentíssima Senhora Vice-Presidente,

Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho Pedagógico,

Excelentíssima Senhora Presidente da Associação de Estudantes, Raquel Nolasco,

Estimadas/os colegas,

Estimadas/os e colaboradoras/es não docentes da Escola,

Excelentíssimos familiares e amigos dos Finalistas,

Senhores Jornalistas,

Estimadas e estimados Finalistas,

Celebramos hoje um dos momentos mais significativos da vida da Escola em cada ano: a graduação dos Diplomados em Enfermagem do curso de licenciatura pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Hoje com particular significado porque comemoramos 135 anos de ensino de enfermagem em Coimbra e em Portugal.

Há quatro anos quando vos recebemos na Escola, afirmei que os percursos escolares de sucesso que tinham desenvolvido até então, era promessa suficiente, de que com o Vosso e o nosso trabalho, se transformariam em profissionais reconhecidos pela qualidade da vossa formação global.

Confirma-se que o vaticínio era verdadeiro! Hoje é com muita alegria que celebramos convosco a Vitória por terdes atingido a meta a que vos propusestes: Ser Enfermeira ou Enfermeiro. Estais de Parabéns! E mereceis um grande aplauso de todos nós.

Estes quatro anos foram vividos por cada um de vós, de certeza, de forma muito diferente. Mas estou certa, que o tempo vivido, na nossa Escola, nesta comunidade educativa e nesta Cidade de Coimbra, foi um percurso de aprendizagens múltiplas, quer pessoais, quer científicas, quer técnicas e éticas, que se inscreverão de forma muito significativa e ímpar na Vossa vida presente e futura.

Estou certa, de que todas as aprendizagens que fizestes, formais e informais, contribuirão para que venham a ser profissionais capazes de dar resposta às necessidades das pessoas, famílias e comunidades, em cuidados de enfermagem e de saúde.

Gostava, no entanto, de aproveitar este momento Solene, em que ides assumir perante esta comunidade cumprir os deveres deontológicos da profissão que escolheram, para relembrar a cada uma e cada um de vós, que concluir a licenciatura em Enfermagem é só um passo, o primeiro, da vossa formação Profissional.

Sobre o futuro as maiores certezas que podemos ter é que se associará a um clima geral de complexidade, imprevisibilidade e mudança, que já hoje caracteriza o mundo atual, trará necessidade de mais, melhores e diferentes cuidados de enfermagem e por isso, a necessidade de vos formardes continua e permanentemente;

Mas estou absolutamente convicta que estais preparados para dar resposta aos desafios do futuro e para participardes ativamente na construção e transformação da oferta de cuidados que lhes deem resposta.

Apesar desta minha convicção de que estais preparados para trabalhar

Gostava de aproveitar este momento para elencar convosco alguns dos desafios a que tereis que fazer frente.

Como sabeis a evolução social, política, económica, demográfica, epidemiológica, e as combinações multidimensionais destes domínios da vida, tornam difícil uma previsão sobre as necessidades em saúde no futuro, no entanto, podemos e devemos em meu entender, pensá-los, a partir de cenário (s) sobre *os amanhãs possíveis* para o mundo, o país, os cidadãos e a saúde (Mendes e Rosa, 2012; Almeida, 2012; Barreto, 2012; Pereira, 2012; Haub, 2012), e deveis preparar-vos continuamente para lhes dar resposta, bem como agir socialmente de modo a contribuir para a construção de políticas globais e de saúde que garantam às pessoas o acesso aos cuidados de saúde de que necessitam.

E, como veremos, para dar resposta a essas necessidades serão necessários mais Enfermeiras e Enfermeiros.

Para que possamos ter ideia dos desafios que vos esperam fizemos o exercício de tentar espreitar para o futuro, à procura no Horizonte dos próximos trinta anos em que desenvolverá o Vosso percurso profissional, no nosso país.

Admitindo que não haja grandes alterações no panorama mundial, podemos prever que o cenário nacional se venha a caracterizar pela continuação das alterações demográficas, nomeadamente, o envelhecimento e as alterações da composição das famílias, o aumento das doenças crónicas e o aumento dos custos com a saúde, as alterações no mundo do trabalho com maior precarização e relações de trabalho mais efémeras e autónomas, o agravamento das desigualdades sociais e da iniquidade no acesso aos cuidados de saúde, a reconfiguração dos sistemas de saúde e o aparecimento de novos contextos de prestação de cuidados.

Por outro lado, é também previsível que o desenvolvimento da ciência e das tecnologias biomédicas melhore as evidências científicas para prevenção da doença, aumente exponencialmente o acesso de todas as pessoas às tecnologias de informação e comunicação, à educação e eventualmente se utilizadas intencionalmente e geridas por profissionais de saúde, particularmente por enfermeiros, podem melhorar a literacia em saúde.

No que diz respeito às alterações demográficas, nos próximos anos adivinha-se que, mesmo que venha a haver um pequeno aumento do índice de fecundidade, haja uma diminuição populacional e que a população seja cada vez mais envelhecida, uma vez que o número de nascimentos tem vindo a diminuir e a esperança média de vida a aumentar, criando um desequilíbrio na necessária reposição geracional e gerando forte impacto nas necessidades de saúde e sociais. De acordo com Mendes & Rosa (2012), a população com mais de 50 anos deverá aumentar e poderá representar quase metade em 2030. Se atualmente 1 em cada 5 pessoas têm mais de 65 anos, em Portugal, em 2030, serão 1 em cada 4. *"O número de pessoas com 65 e + anos poderá, em 2030, representar quase metade do número de pessoas em idade ativa, quando atualmente equivale a pouco mais de um quarto"* (p.6). Apesar das mudanças no conceito de família, que deixou de estar fundado nas relações de consanguinidade para passar a alicerçar-se no papel de apoio interpessoal, verificar-se-á um retraimento na sua composição. Tal como refere Almeida (2012) *"Uma impressionante relação de dependência dos idosos surge com toda a clareza. Nas famílias, cuja dimensão continuará a diminuir, cresce a percentagem de casais sem filhos, e sobretudo a percentagem de filhos únicos. A tradicional proporção aritmética entre gerações fica invertida: há mais avós (4) do que pais (2) ou filhos (1). Os laços geracionais, de sentido vertical, tomam o exclusivo sobre os laços colaterais. As crianças crescem entre adultos na família, entre pares na escola; mas perdem experiências e contextos de socialização com irmãos, primos ou tios"* (p.13). O que obrigará a que os

profissionais de saúde, particularmente os Enfermeiros tomem a capacitação para o exercício da parentalidade como uma preocupação. Pode esperar-se a continuação do aumento da esperança de vida e a diminuição da mortalidade em idades precoces. Mas a diminuta taxa de fecundidade e os movimentos migratórios da população em idade ativa fazem prever uma diminuição no número total da população portuguesa, nos anos mais próximos, com consequências sociais, como as dificuldades de apoio intergeracional e económicas. O que vai ter que merecer maior atenção dos enfermeiros para garantir o planeamento e gestão dos autocuidados, que eventualmente vão ser prestados por cuidadores informais.

A situação económica que se espera continue a recuperar, ainda que lentamente, não será suficiente para reverter os fluxos migratórios. A saída em massa de jovens para o estrangeiro, a que assistimos atualmente e que tudo leva a crer se manterá nos próximos anos - homens e mulheres, em plena idade de procriar, altamente qualificados e profissionalmente ativos - não pode deixar de vir a ter um impacto expressivo quer na demografia portuguesa das próximas décadas, quer no número de profissionais de saúde disponíveis em Portugal, entre eles o número de enfermeiros com que poderemos contar.

Tanto mais que esta fuga de profissionais jovens não é compensada por fluxos de entrada equivalentes - nem em quantidade, nem em qualidade (Barreto, 2012). É possível que, se nada for feito para inverter a situação que atualmente vivemos, tenhamos menos enfermeiros, enfermeiros mais velhos, menos jovens a frequentar cursos de enfermagem e tenhamos que encontrar novos públicos para a formação e novas formas de organização dos cuidados.

O crescimento exponencial das taxas de desemprego e dos empregos precários, as novas formas de pobreza, o desmembramento do Estado Social ou do próprio projeto europeu são ameaças que a acontecerem poderão acentuar este cenário.

Se nada contrariar a tendência atual, o envelhecimento da população e os fluxos migratórios do interior para o litoral levarão, possivelmente, à construção de mais centros de saúde, de mais hospitais e mais escolas nas áreas metropolitanas e no litoral, enquanto deverão continuar a fechar muitas dessas instituições no interior; as necessidades em cuidados a idosos e em cuidados paliativos serão muito maiores; haverá mais instituições públicas e privadas especializadas no acolhimento e cuidados aos idosos, e mais pessoas dependentes na satisfação das suas necessidades e na realização das atividades de vida diária, a viverem sozinhas. Tudo isto exigirá mais Enfermeiros.

Todos, mas particularmente os mais jovens terão maior domínio das novas tecnologias de informação e em línguas estrangeiras. Os telemóveis prometem transformar-se numa ferramenta de aprendizagem essencial. Com plataformas globais de conhecimento como a *internet*, verificar-se-á uma mudança da memorização de factos para a localização de informações necessárias para análise, síntese e tomadas de decisão. A natureza omnipresente da informação

obrigará as universidades e instituições de ensino superior a concentrar os esforços educativos no desenvolvimento da capacidade de discriminar, interpretar e fazer uso de informações, ao invés de a transmitir, mas isto será também cada vez mais verdade para os enfermeiros no desempenho do seu papel como educadores (Frenk et al., 2010). Necessitamos que todos os enfermeiros se atualizem neste domínio das tecnologias de informação e sejam capazes de as utilizar a favor de melhorar a saúde e bem estar das pessoas (por exemplo acompanhando-as e ajudando-as a gerir sintomas e autocuidados a distância).

Os Enfermeiros terão como sujeitos de cuidados *outras* pessoas: mais informadas, mas não necessariamente com maior literacia em saúde; mais vulneráveis, mais dependentes para o cuidado de si e de familiares dependentes (quer sejam crianças ou idosos); mais sozinhas; mais conscientes dos seus direitos, mais capazes de participar na decisão sobre a sua saúde e sobre os cuidados, mas também mais exigentes.

Importa não esquecer, nesta visão do futuro, que hoje 54% dos recursos humanos em saúde no mundo são Enfermeiros e que em todo o mundo 70 a 90% dos cuidados são assegurados por Enfermeiros *em vários contextos e ao longo da vida*;

Que os enfermeiros “ (...) *têm dado contributo crucial para fortalecimento dos sistemas de saúde, para a diminuição das iniquidades no acesso aos cuidados de saúde e para alcançar os objetivos de desenvolvimento relacionados com a saúde...*” (64^a Assembleia Geral da OMS, WHA 64.7, Maio 2011).

Que existem recomendações para (...) que todos os países transformem em ação medidas para o fortalecimento da enfermagem, nomeadamente aproveitando o conhecimento e a peritagem dos investigadores de enfermagem com o objetivo de incorporar evidência nos cuidados de saúde e inovação e eficácia nos sistemas de saúde.” (64^a Assembleia da OMS, WHA64.7, 24 Maio 2011).

Todos nós, mas particularmente os Governantes, não podemos esquecer que a investigação:

- sobre os serviços de saúde que aborda a questão dos Skill-mix das equipas de prestação de cuidados, sugere que os melhores resultados são atingidos pelas equipas onde existe uma maior proporção de enfermeiras e enfermeiros com formação superior, e formação avançada como especialistas, formados com as características da formação que em Portugal temos vindo a realizar (Estabrooks et al, 2005; Landon et al, 2006, 2011; McCloskey e Diers,2005, Amaral, 2014).
- A investigação tem “ concluído que a substituição de profissionais não qualificados,- habitualmente designados por auxiliares, por enfermeiros pode poupar vidas”(Needlman et al, 2006).

- que existe uma clara evidência de que o aumento do número de horas de cuidados disponibilizados por enfermeiros nas 24 horas está associado a melhores resultados alcançados pelos doentes (maior valor) (Kane et al, 2007 - revisão sistemática da literatura e meta-análise, efetuada pela Agency for Health-care Research and Quality).
- Que hospitais onde existiam melhores equipas de Enfermagem, equipas mais envolvidas e mais satisfeitas, com o maior número de enfermeiros, os resultados ajustados pelo risco são melhores sem aumento das despesas globais. Há menor risco de mortalidade ajustada, usam menos dias de cuidados intensivos, têm uma demora média ajustada menor e uma média de custos com medicamentos e meios auxiliares de diagnóstico, também menores (Aiken et al, 2010)
- que existe uma associação causal entre os melhores ratios de enfermeiros e os melhores resultados. “ uma enfermeira a mais por doente/dia evita a infeção em 7 casos de ferida; 4 casos de sepsis nosocomial por cada 1000 doente cirúrgicos; em UCI. O mesmo aumento evita 7 casos de pneumonia nosocomial, 7 casos de insuficiência respiratória, 6 casos de extubação acidental e 2 casos de paragem cardíaca por cada 1000 doentes.” (Kane et al, 2007- desenvolveram meta-análise, que permitiu concluir).
- Existe forte associação entre o nível educacional e resultados de saúde de doentes hospitalizados (Aiken et al 2003; *Educational levels of hospital nurses and surgical patient mortality, Journal of the American Medical Association, 290, 1617-1623*);
- De acordo com os estudos de Aiken et al (2008; 2010);: por cada 10% a mais de enfermeiras licenciadas existe menos 4% de risco de morte (*Effects of hospital care environment on patient mortality and nurse outcomes. Journal of Nursing Administration, 38 (5), 223-229*), o mesmo tendo verificado Van Heede (2009) – num estudo realizado na Bélgica, Canadá, Holanda e USA que mostrou que mais 4% de enfermeiras se associavam a menos 4,9 mortes por cada 1.000 doentes em unidades de cuidados intensivos (*The relationship between inpatient cardiac surgery mortality and nurse numbers and educational level: Analysis of administrative data. International Journal of Nursing Studies, 46 (6), 796-803*).
- Do mesmo modo Friese et al (2008), verificaram relação forte entre o número de Enfermeiros com formação superior e menor mortalidade e menos reinternamentos em doentes oncológicos (*Hospital Nurse practice environments and outcomes for surgical oncology patients. Health Services Research, 43 (4), 1145-1163*).
- Também, Estabrooks et al (2005), que estudou 49 hospitais do Canadá, mostra que substituir auxiliares por enfermeiros licenciados tem impacto nas taxas de mortalidade aos 30 dias (*The impact of hospital nursing characteristics on 30-day mortality. Nursing Research, 54 (2), 72-84*)

- E, ainda Tourangeau et al (2007): 46.993 doentes hospitalizados. Aumentos de 10% na proporção de enfermeiras licenciadas está associado a menos 9 mortes por cada 1.000 (*Impact of hospital nursing care on 30-day mortality for acute medical patients. Journal of Advanced Nursing, 57 (1), 32-41*).

Estes resultados de investigação têm levado à decisão, em muitos países, de contratar mais enfermeiros e melhor qualificados.

Em Portugal, nos últimos anos, temos seguido um caminho diferente, face às dificuldades financeiras, temos cortado na enfermagem, designada de “soft target” (alvo fácil), porque as poupanças podem ser conseguidas rapidamente pela redução da alocação de enfermeiros, enquanto as poupanças através de uma melhor eficácia são difíceis de alcançar.

A investigação, em Portugal, mostra que a média de horas disponibilizadas, nas 24 horas, para cada doente hospitalizado é de 3.2h, significativamente mais baixa do que as mais de 6 horas que são disponibilizadas por doente nos restantes países da Europa e muito menos do que as 8h disponibilizadas em alguns estados dos Estados Unidos da América (Amaral, 2014). Este défice de horas de cuidados tem repercussões na incidência de infeções associadas aos cuidados de saúde. 13.5% dos doentes contrai uma infeção ainda no hospital por razões que não têm a ver com a sua doença de base (Amaral, 2014). O número de doentes com úlceras de pressão cresce e, sobretudo os doentes vão cada vez menos preparados para regressar a casa e as famílias estão cada vez menos preparadas para os receber. Tudo isto tem uma relação direta com os ambientes onde decorrem as práticas dos enfermeiros e tem uma relação estreita com o número, a qualificação dos enfermeiros e a forma como a equipa multiprofissional se relaciona (Amaral, 2014)

A investigação em enfermagem começa a ter eco na política Europeia e as dotações de enfermeiros começam a ser uma preocupação com tradução na cada vez maior procura pelos países Europeus, noutros países dos enfermeiros que não têm - porque um enfermeiro com o perfil desejado leva tempo a formar. Por isso têm vindo buscar os nossos Recém- Licenciados, reconhecidos em toda a Europa pela qualidade da sua formação.

Nos Estados Unidos da América, estas preocupações começaram mais cedo, e quase metade dos 50 estados já implementou ou está a preparar legislação sobre dotação hospitalar de enfermeiros. Os estudos desenvolvidos na Europa, que referi, mostram que o rácio enfermeiro/doente e a percentagem de enfermeiros com qualificações ao nível da licenciatura são importantes preditores da satisfação dos doentes com os cuidados e das avaliações dos enfermeiros em termos de qualidade e segurança dos cuidados e afetam a mortalidade dos doentes, diminuindo a mortalidade evitável.

Temos muita esperança que também em Portugal esteja a chegar a altura de ter em conta a

evidência científica na decisão política sobre a contratação de enfermeiros para o Serviço Nacional de Saúde.

A proteção da saúde constitui um direito dos indivíduos e da comunidade e o Estado deve promover e garantir o acesso dos cidadãos aos cuidados de saúde nos limites dos recursos humanos, técnicos e financeiros disponíveis.

Logo, faz sentido que a gestão dos recursos disponíveis seja conduzida de forma a obter deles o maior proveito socialmente útil, o que passa necessariamente, por centrar o objetivo na melhoria do acesso à saúde e nas pessoas, em obter maiores ganhos em saúde e cuidados de saúde de qualidade, na garantia de que se disponibilizam os cuidados de enfermagem necessários para, pelo menos, mantermos os indicadores de saúde até aqui conseguidos e se possível melhorá-los. É por isso, que nos parece urgente, salvo melhor opinião, que se dotem os serviços de saúde, particularmente os cuidados de saúde primários do número de enfermeiros necessários para garantir cuidados seguros e atuar aos diferentes níveis de prevenção mudando progressivamente de um sistema centrado na doença para um sistema preocupado com a promoção de saúde e bem-estar.

Num tempo de contenção financeira, é-nos pedido a todos, e todos desejamos produzir cuidados de saúde mais baratos, mas é importante que quem decide não esqueça que produzir cuidados de saúde mais baratos é produzi-los com qualidade e não haverá qualidade em saúde se os cidadãos não puderem dispor dos cuidados de enfermagem necessários para responder às necessidades básicas em saúde.

Temos muita esperança de que esteja a chegar o tempo em que a saúde esteja verdadeiramente em todas as políticas e que se pondera nas decisões políticas na área da saúde o que realmente é importante e que não se desperdiça um dos maiores bens em que a sociedade portuguesa investiu nos últimos anos: Profissionais de Saúde Qualificados, particularmente Enfermeiros.

Queremos poder ter a certeza que os jovens que formamos têm oportunidade de pôr os seus saberes ao serviço dos portugueses, de que deles necessitam.

Se assim vier a ser, rapidamente todos vós iniciareis o exercício profissional como enfermeiros em Portugal e muitos dos Vossos colegas regressarão, contribuindo para a garantia de mais e melhores cuidados de enfermagem e de saúde para todos e todas as cidadãs que aqui vivem.

Acredito que isso vai acontecer e que vós podeis fazer a diferença:

Estimadas e estimados novos colegas,

É tempo de olhar para o futuro, desafio-vos a fazer como aconselha Miguel Torga:

Recomeça...
Se puderes,
Sem angústia e sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.
De nenhum fruto queiras só metade.
E, nunca saciado,
Vai colhendo
Ilusões sucessivas no pomar
E vendo
Acordado,
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças.

Miguel Torga, *Diário XIII*

É com muita esperança no futuro e confiança em vós que hoje vos entregamos as insígnias da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, pois o Vosso percurso escolar faz-nos acreditar que saberão sempre honrar e dignificar a Escola que vos formou e a profissão que é também agora Vossa – A Enfermagem.

Em nome da Escola, os meus mais sinceros parabéns e votos das maiores felicidades pessoais e profissionais.

Aos familiares dos finalistas, as nossas cordiais saudações.

Os nossos sinceros parabéns e votos para que continuem a ser o suporte forte dos vossos filhos, pois, como veem, valeu a pena todo o caminho vivido até ao momento.

Aos representantes das Instituições, o nosso reconhecimento pela sua presença, pela valiosa colaboração que têm dado e que se torna cada vez mais necessária para que a Escola possa cumprir a sua missão.

Aos ilustres convidados, os nossos agradecimentos pela sua presença, sempre tão gratificante e que muito nos honra.

Ao corpo docente e funcionários da Escola, o meu sincero reconhecimento e agradecimento pelo trabalho desenvolvido. Só o grande envolvimento de todos tem permitido, em cada ano, que a Escola supere com êxito os desafios da formação de Enfermeiros de excelência que comporta.

Para todas e todos aqueles que se empenharam na organização desta cerimónia, o nosso muito obrigada.

Bem-hajam pela dedicação e cuidado que puseram na preparação deste momento para que fosse especial e único na memória de cada um e cada uma das nossas e dos nossos finalistas.

Para todas e todos aqueles que nos quiseram honrar com a sua presença, o nosso muito obrigada.

Termino, dirigindo-me de novo a cada um e cada uma das finalistas, renovando o desejo do fundo do meu coração que todos os Vossos desejos de felicidade se realizem. Nunca esqueçam que podem contar sempre connosco e com a Vossa Escola. Tudo de Bom!

Maria da Conceição Bento

Coimbra, Pavilhão Multidesportos Dr. Mário Mexia, 23 de julho de 2016